

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

PARACATU

REDUZINDO A EVASÃO ESCOLAR

A Bolsa-Escola está levando crianças para as salas de aula e tirando-as do trabalho em Paracatu, cidade mineira a 220 quilômetros de Brasília. Embora sejam 300 famílias beneficiadas com apenas R\$ 50 mensais cada uma, o programa muda a vida de pequenos engraxates, empregadas domésticas que ainda nem chegaram na adolescência e meninos que andavam dias inteiros nas ruas pedindo esmolas.

O auxílio para assegurar a permanência das crianças em sala de aula mudou as estatísticas escolares na cidade com 72 mil habitantes e economia voltada para agropecuária. Em 1996, a evasão geral nas escolas

de ensino fundamental era de 8,4%. A reprovação era 12,1%, e a aprovação era de 87,9%. No ano seguinte, nas estatísticas globais, a evasão diminuiu para 6,7%, a reprovação para 7,7% e aprovação subiu para 92,3%. Neste ano, uma pesquisa realizada pela prefeitura somente entre alunos da Bolsa-Escola encontrou números mais otimistas. A evasão foi de 0,9%, a reprovação ficou em 2,3% e a aprovação saltou para 96,8%.

A secretária executiva da Bolsa-Escola, Ione Martins Campoy, explica que o programa começou no ano passado com 200 bolsas oferecidas pela prefeitura e foi ampliado neste ano, com mais 100 bolsas pagas pela Missão Criança, a organização não-governamental criada pelo ex-governador Cristovam Buarque.

O prefeito Almir Paraca (PT) diz que, além das bolsas, são feitas atividades complementares para os bolsistas. Arte, cultura, esportes e reforço escolar — conseguidos com convênios com a Associação Atlética Banco do Brasil e com a Fundação Consciência e Arte, que administra financeiramente a Bolsa Escola em Paracatu.

O vereador João Macedo (PTB) reclama. “Eu apresentei projeto para Bolsa-Escola no final de 1996, mas não chegou a plenário. O prefeito apresentou o mesmo projeto quando tomou posse. Acho que a prefeitura poderia ampliar o programa. Tem gasto muito dinheiro em publicidade e está investindo muito pouco em educação. Acho que o programa está funcionando, mas para poucas famílias.”

PORTO ALEGRE

PAIS ASSINAM CONTRATO SOCIAL

Lisandra Paraguassú
Da equipe do *Correio*

Bolsa-escola em versão atualizada. Em vez de se limitar à distribuição de recursos, a prefeitura de Porto Alegre tomou emprestada a idéia do colega petista Cristovam Buarque e ampliou o programa de uma forma que hoje vai além do incentivo à educação.

Na capital gaúcha, as famílias que recebem a ajuda de um salário mínimo não precisam apenas garantir que seus filhos estão matriculados na escola. Elas assinam um *contrato social*. Nele, consta que as crianças têm que estudar e, no turno

que não estão em sala de aula, participar de atividades extracurriculares em centros comunitários na cidade. Pode ser reforço escolar, caso necessário, artes, esportes. “Nossa intenção é que a criança não fique sem cuidados durante metade do dia, e permita aos pais trabalhar”, explica Ana Paula Costa, secretária de Ação Social do Município.

Mas os compromissos não são apenas das crianças. Os pais participam de cursos de reciclagem, tanto para aprender uma profissão quanto para saber administrar o orçamento da casa. Há, também, auxílio caso eles queiram comprar algum tipo de bem para trabalhar como uma máquina de costura ou carrocinha de cachorro-quente. “O contrato é feito por seis meses e pode ser

renovado”, explica Ana Paula. “Nossa intenção é que nesse tempo a família aprenda a se auto-administrar e passe a não depender mais da ajuda financeira.”

Por enquanto, a Bolsa-Escola gaúcha atende apenas a mil famílias, principalmente de crianças que estavam trabalhando nas ruas. A pequena abrangência — Porto Alegre tem 1,4 milhão de habitantes, enquanto o DF, com 2 milhões, atendia 24 mil — é justificada pela prefeitura com a necessidade de dar um atendimento mais completo. Cada grupo de 40 famílias é atendido por um assistente social e um psicólogo. “Até hoje concluímos que o resultado tem sido extremamente positivo”, afirma Ana Paula Costa, secretária de Ação Social.